

SER JUDEU: UMA HERANÇA GENÉTICA TRANSMITIDA UNICAMENTE PELO SANGUE?

BEING JEWISH: A GENETIC INHERITANCE ONLY TRANSMITTED BY BLOOD?

Arlindo Nascimento Rocha¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre um dos temas mais polêmicos entre os judeus e os diversos movimentos judaicos: a conversão ou não ao judaísmo por não judeus. As leis rabínicas definem como judeu aquele que nasce de mãe judia; então, ser judeu é uma condição transmissível apenas pelo sangue ou qualquer um pode converter-se ao judaísmo? Na verdade, nenhuma outra religião é tão marcada pela ideia de conversão como a judaica. Entretanto, o processo de conversão a essa religião vem adquirindo contornos cada vez mais rígidos atualmente, o que revela a fragilidade judaica moderna, uma vez que, existe um certo temor, tendo em conta os perigos que os novos conversos podem representar para o judaísmo.

Palavras-chave: judeus; judaísmo; movimentos judaicos; conversão; religião judaica.

Abstract: This paper aims at reflecting upon one of the most controversial issues among Jews and several Jewish movements: the conversion (or not) of non-Jews to Judaism. The rabbinical laws define as Jew those who are born

¹ Doutorando e Mestre em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP; Pós-Graduado (*lato senso*) em Administração, Supervisão e Orientação Pedagógica e Educacional pela Universidade Católica de Petrópolis – RJ; Licenciado em Filosofia para docência pela Universidade Pública de Cabo Verde - África; E-mail: arlindonascimentorochoa@gmail.com.

from a Jewish mother. Therefore, is being Jew a condition transmissible only by blood? Or is anyone allowed to convert to Judaism? Actually, no other religion is marked by the idea of conversion as much as the Jewish one. However, the process of conversion to this religion has become more and more rigid today, which reveals the modern Jewish fragility, since there is a certain fear, given the dangers that the new converts can represent for Judaism.

Keywords: jews; judaism; jewish movements; conversion; jewish religion.

INTRODUÇÃO

O judaísmo é considerado uma das primeiras religiões monoteístas, tendo em Abraão o seu patriarca, e atinge com Moisés a grande revelação do Deus único com o nome de Javé ou *Yahweh*, mas só se estrutura como religião monoteísta com os grandes profetas do século VIII-VII a.E.C. Atualmente, a religião judaica é uma das religiões que menos cresce, uma vez que a conversão do não judeu deve ser aceita por um rabino ortodoxo, o que dificulta o acesso ao judaísmo para os que se identificam com essa religião. Esse processo é demorado, já que o candidato deve mostrar empenho e muita determinação, uma vez que no judaísmo não existe o proselitismo, o que de certa forma acaba desencorajando as conversões. De acordo com o Rabino Abraham Skorka, “o judaísmo nunca foi proselitista, mas agora se dá um fenômeno que ele chamaria de proselitismo interno. Não se pretende que alguém que não seja judeu participe de uma vida religiosa judaica, mas as comunidades ortodoxas estão tentando aproximar suas instituições dos demais judeus” (BERGÓGLIO; SKORKA, 2013, p.26).

Assim, ao iniciar nossa pesquisa sobre diversas transformações que aconteceram no seio do judaísmo e que tiveram como suporte os movimentos judaicos ao longo dos séculos, que tratam as questões do processo de conversão de forma diferente, propomos iniciar nossa exposição clarificando alguns conceitos pelos quais iremos refletir e dialogar ao longo do artigo. Assim, inicialmente tentaremos clarificar os termos: judeu, judaísmo e

conversão para depois iniciar nossas reflexões, principalmente em torno do tema “conversão ou não ao judaísmo”, a partir do qual procuraremos respostas para a seguinte pergunta: “Ser Judeu: herança genética transmitida unicamente pelo sangue?”.

De acordo com Giovani Filorano, “o termo *judeu* pode ser usado para indicar a condição de pertencer ao povo ou à comunidade religiosa hebraica”. (FILORANO, 2005, p. 35). Os judeus são oriundos de tribos de Israel, acreditam num Deus único (monoteísmo) e o louvam de forma absoluta. Eles se consideram o povo escolhido de Israel, que Deus em seu amor tornou sua propriedade por meio da aliança de salvação eterna. Seguem os ensinamentos da Torá², não acreditam no pecado original e nem no nascimento de Jesus Cristo, mas esperam que o Messias surja futuramente e reúna todos os judeus em Israel. De acordo o sociólogo francês, especialista em sociologia das religiões, Yves Lambert (1946-2006):

A Torá compõe-se de textos muitas vezes redundantes: a segunda parte do livro de Êxodo (24-40) e os três livros seguintes. *Levítico*, *Números*, e *Deuteronômio*, que se acrescentam ao Código da Aliança. Acredita-se que ela foi revelada por Javé a Moisés [...] tudo está aí descrito minuciosamente, desde a arquitetura do Templo, sua decoração e mobiliário, até as leis civis e religiosas com suas sanções, passando pelas regras do puro e do impuro, pelos ritos usuais, pelas festas anuais e até pelas vestes sacerdotais (LAMBERT, 2007, p. 416).

Entretanto, os judeus do século XXI vêm sofrendo várias influências culturais científicas e tecnológicas que afetaram de maneira profunda seus estilos de vida, na sua relação com a comunidade judaica e com outras comunidades religiosas. É por isso que o rabino Nilton Bonder afirma que “ser judeu se transformou num ato de resistência – palavra que sob opressão significa pluralidade e liberdade, significando em condições de normalidade,

² De acordo com Toropov (2006, p. 67), “a Torá (os cinco livros de Moisés que iniciam a Bíblia hebraica e a cristã) ensina que o povo hebreu é descendente de Abraão, o patriarca com quem Deus celebrou a *Aliança*. Ela também narra como, muito tempo depois de Abraão, os descendentes do patriarca e de seus filhos Isaque se mudaram para o Egito, onde acabaram sendo escravizados”.

renitente, teimoso e até reacionário” (BONDER; SORJ, 2001, p. 26). Essas múltiplas influências citadas anteriormente têm reflexo em diversas estruturas do judaísmo. Um dos aspectos comuns que muita gente questiona é: o que define ser judeu? Quem poderá vir a ser? Por isso, Marcelo Szpilman, em sua obra *Judeus: suas extraordinárias histórias e contribuições para o progresso da humanidade* afirma que:

[...] A lei judaica atual considera judeus, todo aquele que nasce de ventre ou se converte de acordo com esta mesma lei. Recentemente, o judaísmo reconstrucionista e o reformista têm incluído também as crianças nascidas de pai judeu e mãe não judia, desde que educadas de acordo com a religião com a religião judaica (SZPILMAN, 2012, p. 93).

A flexibilização da lei judaica, fruto da intensa troca de influências entre diversas culturas e religiões, tem permitido reformas constantes no seio do judaísmo, uma vez que “no judaísmo reformista toda a Torá é aceita como inspirada por Deus, mas também é vista como um texto aberto ao estudo e interpretação do indivíduo. Os judeus reformistas entendem o relacionamento de Deus com seu povo como um processo contínuo e enfatizam a ampla mensagem moral da tradição judaica” (TOROPOV, 2006, p. 81).

A definição de Judaísmo pode ser visto em dois sentidos: um mais amplo e outro mais restrito. Segundo Filorrano (2005), em sua acepção mais ampla, o termo indica a história global do povo hebraico [...]. Mas, interesse-nos aqui, a segunda alternativa, ou seja, em seu sentido mais restrito. Segundo nosso autor

em seu sentido mais restrito o termo judaísmo é empregado para designar a época do Segundo Templo (515 a.C. – 70 d.C.), bem como a época sucessiva à destruição do templo de Jerusalém em 70 d.C., quando se constituiu o judaísmo rabínico,³ que assume então o judaísmo normativo [...] Em sua

³ De acordo com Donizete Scardelai, em sua obra *Da religião bíblica ao judaísmo rabínico* (2008), a rigor, não se deve conceber o judaísmo rabínico como sinónimo de religião Bíblica, e muito menos um prolongamento linear, literal ou evolutivo da religião de Israel bíblico. A estreita relação entre ambos, contudo não pode ser negada. Alçada sobre os dois maiores

história milenar o judaísmo conheceu profundas transformações [...] Por isso definir o judaísmo é problemático tendo em conta que, de modo como se vem configurando em sua veste rabínica, trata-se substancialmente de uma ortopraxis, isto é, uma série de normas de origem divina que regula toda a conduta do crente e que o devoto judeu deve observar para realizar-se e, com isso, realizar um sistema de justiça no mundo (FILORANO, 2005, p. 34-35).

No livro *O nascimento das religiões*, Yves Lambert apresenta outra definição a partir do seu surgimento e afirma que “o judaísmo surgiu a partir da religião hebraica segundo uma espécie de fusão encadeada que se estende do exílio em Babilônia até a destruição do segundo templo de Jerusalém (70 d.C.)” (LAMBERT, 2007, p. 365). Mas, segundo Bonder, “a complexidade do judaísmo está em ser um pouco de tudo que não é: não é religião, não é filosofia, não é cultura, não é etnia, não é estado e não é terra. É tudo ao mesmo tempo” (BONDER; SORJ, 2001, p. 13). Portanto, o judaísmo pode ser expresso como uma civilização nas palavras do fundador do judaísmo reconstrucionista, o rabino Mordechai Kaplan (1881-1983), mas na memória popular o judaísmo é visto como uma família.

Com o passar dos séculos, o judaísmo provou ser uma tradição resistente e duradoura que uniu os fiéis em tempos bons e ruins, em ambientes hostis e em épocas de paz, plenitude e harmonia. Atualmente, essa tradição de fé se desenvolveu em várias ramificações de ramificações, cada um deles com uma abordagem diferente à difícil pergunta relacionada à acomodação das inúmeras influências do mundo exterior. Um dos aspetos que mais tem trazido preocupações é a questão das conversões, já que

a possível falta de fidelidade do converso, sua capacidade de inocular o judaísmo de percepções errôneas, ou seu potencial de diluir algo que é puro [...] a questão das conversões ao judaísmo, mais do que polêmicas entre os diversos movimentos judaicos, revela importantes tendências da autoimagem dos judeus nos últimos séculos (2001, p. 67).

patrimônios religioso-literário que dão sustentação ao povo judeu (Escritura e Talmude), a religião bíblica israelita encontrou no judaísmo bíblico sua mais fiel e revolucionária continuidade, seu melhor acabamento em termos de continuidade e aperfeiçoamento.

É nesse sentido que nossa reflexão ganha peso, pois nosso objetivo é refletir sobre o processo ou os processos de conversão ao judaísmo e, principalmente, dialogar com vários autores com o fito de perceber as implicações que as novas conversões possam trazer no seio dos judeus e do judaísmo. Desse modo, nossa pesquisa centrará, sobretudo, em torno do processo de conversão ou não ao judaísmo tomando como base estudos de alguns autores que refletem sobre esse tema no seio dos vários movimentos judaicos, buscando encontrar respostas para a nossa questão inicial e, assim, esclarecer possíveis dúvidas quanto à conversão de não judeus.

CONVERSÃO OU NÃO AO JUDAÍSMO DE NÃO JUDEUS

O judaísmo é a mais antiga religião monoteísta e seu nome deriva de Judá, um dos filhos de Jacó, que foi neto do Abraão. Judá é um dos pais das doze tribos de Israel e se estabeleceu com a sua tribo na parte sul de Canaã, a “terra prometida” no Jordão, para a qual Deus conduziu Abraão. A crença em um Deus único, eterno e verdadeiro, o qual é onipotente e criou tudo o que existe, é a principal característica do judaísmo.⁴ Abraão é o patriarca dos judeus, mas é com Moisés que se atinge a grande revelação do Deus único com o nome de Javé. Já o termo *judeu* pode ser usado para indicar uma condição de pertencer a um povo ou à comunidade religiosa hebraica e o judaísmo define sua identidade na história povo de Israel narrado nos textos bíblicos.

Segundo Hans Küng, em sua obra *Religiões do mundo: em busca de pontos comuns*,

⁴ De acordo com João Batista Libâneo “a fé monoteísta do povo judeu, negando qualquer outra realidade como divina, consolida-se após o cativeiro da Babilônia no século VII antes de Cristo. Os judeus lentamente foram ampliando a experiência de Deus que esteve na origem da vocação de Abraão e dos pais do povo. Esse Deus os libertou do Egito, com ele fizeram a aliança no Sinai, conduziu-os à Terra prometida para além do Rio Jordão, dirigiu-os por meio de juízes e reis e por fim trouxe de volta à Babilônia. Passaram do Deus de um clã, de um povo para um único verdadeiro Deus criador dos céus e da terra. Senhor de todos os povos, instaurando o monoteísmo absoluto” (2004, p. 32).

Abraão permanece a testemunha primordial da fé em um mesmo Deus, que é Deus dos judeus, dos cristãos e dos muçulmanos. Abraão é, assim, o primeiro modelo daquelas três religiões, que não por acaso são chamadas de religiões abraâmicas (2004, p. 187).

De acordo com Szpilman (2012, p. 11):

Desde Abraão, o primeiro hebreu que há mais de quatro mil anos emigrou para Canaã atendendo ao chamado divino, que fundou o conceito de monoteísmo, do Deus Único e a prática da caridade e da justiça, passando por Moisés que libertou os hebreus da dura escravidão do Egito em 1.150 a.C., formou a primeira organização governamental e transmitiu os dez mandamentos de Deus, pedra fundamental da Bíblia hebraica (Torá) e uma das maiores contribuições à humanidade, que ainda hoje forjam as bases das leis morais e das regras éticas que regem as sociedades judaico-cristãs, os judeus vem contribuindo ao longo da sua história para o conhecimento e progresso da humanidade.

Mas por que Abraão desempenha até hoje um papel tão fundamental na Bíblia hebraica e no Novo Testamento? Küng responde afirmando que “a razão é que todos descendem dele: primeiramente Isaac e Jacó, os patriarcas de Israel e de Jesus Cristo. E também Ismael, o patriarca dos árabes e, mais tarde, dos muçulmanos” (2004, p. 185). Outro testemunho nos é dado por Pondé, em sua obra *Contra um mundo melhor*, ao afirmar que

Abraão é aquele em que o vetor da cegueira se rompe. A aliança proposta por Deus restaura o caminho e o sentido da relação correta com Deus. Diante dele, Abraão ouve a promessa de restauração e consegue enunciar a verdade que o torna eleito para falar diretamente com Deus outra vez, rompendo o silêncio do homem (2010, p. 200).

Entretanto a grande figura simbólica do povo de Israel é Moisés.⁵
Segundo Küng,

este, o mensageiro de Deus, o guia do povo, o legislador, o representante do próprio Deus, é uma figura carismática extremamente complexa. Chefe inspirado, mas que não participa da luta. Um detentor da revelação, mas um homem com muitas fraquezas. O criador do culto, mas que pessoalmente não apresenta sacrifícios (2004, p. 188).

As passagens seguintes na Sagrada Escritura demonstram que a mudança decisiva é dada pela proclamação, pelo estabelecimento e pela consolidação do monoteísmo como sendo a única opção cúltica, viável e completa:

Eu sou *Yahweh*, e não há nenhum outro, fora de mim não há Deus (BÍBLIA, Isaías, 45, 5).

Ora, fui Eu que fiz a terra e criei o homem sobre ela! Foram as minhas mãos que estenderam os céus, eu é que dei ordens a todo seu exército (BÍBLIA, Isaías, 45, 5).

Voltai-vos para mim e sereis salvos, todos os confins da terra porque eu sou Deus e não há nenhum outro! Eu juro por mim mesmo (BÍBLIA, Isaías, 45, 22-23).

Foi a ti que ele mostrou tudo isso, para que soubesses que *Yahweh* é o único Deus. Além dele não existe outro (BÍBLIA, Deuteronômio, 4, 35).

Mas, apesar de ser a religião monoteísta mais antiga, o judaísmo não é a única a proclamar a ideia do Deus único e onipotente. Isso fica explícito numa passagem de Küng, o qual afirmar que:

⁵ No livro *O nascimento das religiões*, de Yves Lambert, encontramos a seguinte passagem: “Moisés recebeu a revelação do nome divino sob a forma de tetragrama YHWH, pronunciando primitivamente mais como Yahwoh do que Yahweh, e a missão de fazer os hebreus saírem do Egito a fim de que fossem para o deserto, a três dias de marcha, sacrificar a esse nome (Ex 3, 18). [...] É natural interpretar o nome divino YHWH como o da divindade de que Jetro era sacerdote e para a qual oficiava no santuário onde Moisés teve sua revelação”(LEMAIRE, 2003, p. 37 apud LAMBERT, 2007, p. 391).

Judaísmo, cristianismo e islamismo são considerados as três grandes religiões monoteístas da fé. São também chamadas de religiões éticas. Isso porque, para todas as três, o homem depende de Deus, o misericordioso e o justo. Mas, o homem é, ao mesmo tempo, responsável por suas ações como imagem ou representante de Deus (2004, p. 187).

De acordo com o rabino Abraham Joshua Heschel (1907-1972), em sua obra *Deus em busca do homem*,

se as outras religiões podem ser caracterizadas como uma relação entre homem e Deus, o judaísmo pode ser descrito como uma relação entre o homem com a Torá e Deus [...] o judeu nunca está só diante de Deus, está sempre com a Torá. Um judeu sem a Torá é obsoleto. A Torá não é a sabedoria, mas o destino de Israel; não é nossa literatura, mas a nossa essência. Diz-se que ela não surgiu por meditação ou por inspiração poética, mas por profecia ou revelação (HESCHEL, 2006, p. 89).

Para os religiosos judeus, a Torá é sagrada e suas 613 leis (245 mandamentos e 368 proibições) são, pelo menos para os judeus ortodoxos⁶, absolutamente autênticas, uma vez que têm autoridade máxima em questões de fé e incluem as mais importantes leis que determinam a vida judaica.

A religião judaica envolve muitos acontecimentos que envolve muitos acontecimentos, movimentos e contramovimentos históricos. Porém, a questão sobre o quanto se deve permitir que o ambiente não judeu influencie as práticas judaicas características é muito complicada. Essas influências são variadas, pois a observância judaica acontece em um confuso arranjo de cenários culturais e sociais.

De acordo com Filorano, “em sua história milenar o judaísmo conheceu profundas transformações. Deles emergem alguns marcos fundamentais, que podem servir para uma periodização geral” (2005, p. 35). Assim, o autor enumera três períodos distintos: o primeiro inicia no II milênio a.C. e termina

⁶ Os judeus ortodoxos adotam a abordagem que seria chamada de “literalista” ou “fundamentalista” para tratar os assuntos da fé. As noções de fé inabalável para com a palavra escrita de Deus e para com a tradição religiosa estabelecida sem alteração são importantes para o ramo ortodoxo judaico (TOROPOV, 2006, p. 79).

com os estados independentes de Israel e Judá com a destruição do Primeiro Templo em 587-586 a.C.; o segundo é a época de restauração, em que sucedem as dominações persa, helenística e romana, que começa com uma vasta diáspora hebraica e nasce ao lado do Templo, a sinagoga; por último, com o Iluminismo e o movimento de emancipação, a ideia do judaísmo em geral e do hebreu, em particular, é colocada radicalmente em discussão, dando lugar a uma pluralidade de respostas que caracterizam o judaísmo contemporâneo, que tem nos Estados Unidos e, a partir de 1948, no Estado de Israel seus polos mais importantes.

O reconstrucionismo nos Estados Unidos salientou novamente a importância do país de Israel para a identidade judaica. O ponto de partida é o livro *Judaísmo como civilização* (1935) de Mordechai M. Kaplan (1881-1983), no qual o judaísmo é considerado uma civilização religiosa em evolução. Religião, cultura e ética são os fundamentos dessa civilização religiosa cujo centro é a terra de Israel. Os conteúdos da crença foram contemplados com muitos esclarecimentos. A Torá quase não é mais considerada como revelada, mas muito mais como um testemunho do desentendimento do homem com deus.⁷

O judaísmo é a expressão de fé incrivelmente diversa e os rótulos que são aplicados a ele são de uso ilimitado. Assim, na idade contemporânea “o encontro com o Iluminismo e as consequências emancipadoras da Revolução Francesa representam para o judaísmo em geral e para muitos judeus em particular um evento que mudou uma época” (FILORANO, 2005, p. 51). Como modelo para toda a Europa, a Revolução Francesa

confere aos judeus irrestritos direitos civis. Os judeus são incluídos na Declaração Americana dos Direitos Humanos de 1776, da mesma forma que na francesa de 1789. Não obstante, os direitos civis ilimitados, concedidos por decreto parlamentar, não se aplicam aos judeus como grupo religioso, mas sim como cidadãos individuais (KÜNG, 2004, p. 202).

⁷ In: Revista: *Quero Saber: história de religião e fé*. – São Paulo: Editora Escala, 2009, p. 36.

Por isso, o judaísmo respondeu de diversas formas, que originaram vários movimentos e correntes presentes ainda hoje na cena religiosa. Nesse sentido emergiram três tradições diferentes: o judaísmo ortodoxo, o reformador e o conservador. De acordo com Brandon Toropov,

os membros do movimento ortodoxo, que permanece forte ainda hoje, afirmam que estão comprometidos a preservar o ritual, a tradição e as doutrinas recebidas dos rabinos do passado, remontado os primórdios da fé judaica. Eles anseiam por preservar a fé de modo exato como ela foi revelada ao povo de Deus na Antiguidade (2006, p. 78).

Ainda segundo Toropov, a abordagem ortodoxa

pode ser resumida com um desejo de viver de acordo com a fé, a tradição e a liturgia associadas à lei e de transmitir essas convenções às gerações seguintes. Não há interesse em se conformar aos novos padrões sociais [...] Os judeus ortodoxos estão satisfeitos em seguir os “modos antigos”, não porque são mais fáceis ou acessíveis aos outros, mas porque são tradições, na visão dos praticantes refletem a vontade de Deus e não estão sujeitas a debates ou revisões (2006, p. 78).

Não há dúvidas de que os judeus ortodoxos constituam uma das mais fortes correntes do judaísmo que ainda prezam pelo rigoroso cumprimento da Torá e a viver de acordo com as leis que regem toda a vida cotidiana, pois o cotidiano deve ser santificado em todas as áreas. Segundo Hans Küng:

Os ortodoxos, guardiões da tradição, consideram todos os mandamentos religiosos como revelados por Deus e, por isso, defendem que a prática religiosa seja imutável. Muitos desses ortodoxos vivem ainda espiritualmente na Idade Média e até hoje andam pelas ruas de Nova York, Londres e Berlim com os trajes da população camponesa da Polônia do século XVII (2004, p. 204).

Os judeus ortodoxos,

contrários ao Iluminismo e à emancipação, agarravam-se às suas tradições e formas de vida. No entanto, especialmente

nos países mais fortemente influenciados pelo Iluminismo, não conseguiram escapar totalmente à sua influência. Assim surgiu uma direção moderna que os integrou na vida moderna, determinada pela economia e pela tecnologia (KOUZMIN-KOROVAEFF, 2009, p. 34).

Assim, em toda a Europa ocidental realiza-se uma mudança para o paradigma da assimilação iluminista do judaísmo reformado. A adaptação dos judeus às nações e culturas realiza-se com maior vigor nos Estados Unidos.

Um meio termo entre a ortodoxia e a reforma liberal buscada pelos judeus conservadores, cujo movimento partiu da Alemanha, os quais se mantiveram determinados a recitar as orações em hebraico e declararam os mandamentos, o sábado, as festas e feriados e as exigências alimentares como vinculativos. No judaísmo conservador, a noção do seguimento absoluto das tradições do passado não é princípio fundamental como na ramificação ortodoxa, mas um forte senso de tradição e continuidade ainda prevalece. De acordo com Filorano, “o conservadorismo mantém vínculos com a tradição, mas tem uma união dinâmica, que se opõe àquela estática ortodoxa” (2005, p. 52). Em harmonia com essa dinâmica interna do judaísmo conservador,

judeus conservadores rejeitam o princípio segundo o qual não pode haver nenhum contato com as novas sociedades e sistemas culturais que os judeus encontram em suas vidas diárias: todavia, tentam manter o máximo possível a continuidade das antigas tradições do judaísmo (TOROPOV, 2006, p. 80).

Fato muito interessante é que os judeus conservadores

procuram unir ortodoxia e Iluminismo. Este judaísmo está aberto para a modernidade, mas também deseja preservar a prática religiosa e, sobretudo a língua hebraica no culto. Os desafios espirituais e materiais da era moderna devem ser vistas como algo positivo, mas a tradição não deve ser abandonada, e sim dissolvida (KÜNG, 2004, p. 204).

Finalmente, o judaísmo reformista é o mais pragmático dos três movimentos da fé judaica de hoje e é o mais aberto ao diálogo e à interação com a sociedade contemporânea. Segundo Toropov,

no judaísmo reformista toda a Torá é aceita como inspirada por Deus, mas também é vista como um texto aberto ao estudo e a interpretação do indivíduo. Os judeus reformistas entendem o relacionamento de Deus com seu povo como um processo contínuo e enfatizam a ampla mensagem moral da tradição judaica (2006, p. 81).

Essa tradição, ou seja, o judaísmo reformista nasceu no início do século XIX em centros como Berlim e foi seguida por personalidades como o filósofo, iluminista e judeu alemão Moses Mendelssohn⁸. Começou com modificações nos serviços nas sinagogas, entre outras coisas, substituindo o hebraico pelo alemão nos sermões, introduzindo música de órgão e eliminando as referências à chegada de um Messias personificado e ao retorno dos hebreus à terra dos antepassados (FILORANO, 2005, p. 51). Para Küng:

O judaísmo reformado deseja a reconciliação com a modernidade. Considera central a mensagem dos profetas. Por esse motivo rejeita muitas tradições arcaicas e promove profundas mudanças no culto e na prática da vida. Dos cristãos eles assumem não só a pregação, o púlpito, e veste talar, o órgão e o coro; também não se exige mais que os homens cubram a cabeça. As mulheres podem ser ordenadas rabinas (2004, p. 204).

É natural que essas transformações no seio do judaísmo ao longo da história provocassem tensões entre a defesa exacerbada das tradições, com consequentes riscos de isolamento ou de conflito com tudo o que não é hebraico (ortodoxia) e, por outro lado, o afastamento das tradições consideradas sagradas para o judaísmo dos primeiros séculos, tais como a obediência à vontade de Deus, a conformidade com os mandamentos revelados por Ele, a observação fiel dos rituais que acontecem há séculos, o

⁸ Moses Mendelssohn (1729-1786) foi uma das figuras mais influentes do judaísmo moderno e um dos precursores do 'iluminismo judaico' na Europa. Segundo Küng, Mendelssohn é o primeiro judeu realmente moderno. Ele prepara a integração dos judeus à sociedade alemã, uma e outra encarnadas em sua própria pessoa. Promove a abertura do judaísmo à cultura ocidental e ao mesmo tempo uma formação geral para a juventude judaica nas escolas (2004, p. 202).

respeito pelos papéis definidos e inalteráveis para homens e para mulheres, etc. Esses fatores são considerados como uma crise do judaísmo por muitos.

Contudo, conforme Bonder:

[...] a crise do judaísmo é antes de tudo interna. As ideologias em torno das quais ele se constitui ruíram, seja pelo sucesso, no caso do sionismo⁸, seja pela história, no caso do socialismo. No centro dessa crise está a ausência de uma utopia solidária, coletiva, que represente o sentido da história, capaz de produzir uma mensagem renovada da mensagem profética (BONDER, 2010, p. 89).

Na introdução do livro *Judaísmo para todos*, Bernardo Sorj acrescenta que

a crise no judaísmo moderno é produto das enormes transformações que as comunidades judaicas e as comunidades sofrem em décadas recentes. Trata-se de um mundo pós-sionista, em que a globalização, a disseminação do discurso dos direitos humanos e a aceitação do multiculturalismo diminuíram a conflituosidade da condição judia. Como toda a crise, ela nos revela os problemas e as contradições das visões de mundo que eram consideradas óbvias no passado (2010, p. 2).

Porém, Heschel faz uma crítica contundente à constante afirmação de que as religiões e, especialmente, a religião judaica estão em crise:

⁸ “O sionismo foi a principal força por trás da criação do Estado de Israel. Idealizado e divulgado pelo jornalista e escritor austro-húngaro Theodor Herzl, esse movimento político defendia o direito dos judeus de terem sua pátria na região que a Bíblia chamou de ‘Terra de Israel’. A teoria de Herzl – que presenciou o antissemitismo na Europa – era de que, com a existência de um Estado próprio, os judeus poderiam ser fortes, algo ‘revolucionário’ para um povo que tinha sofrido violentas perseguições durante séculos. Foi no primeiro encontro sionista, realizado em 1897, que se definiu que os judeus retornariam em massa à ‘Terra Santa’, em Jerusalém – de onde foram expulsos pelos romanos no século III d.C. e único lugar onde consideravam que se sentiriam em casa. Começou então a migração judia para a região da Palestina – na época parte do Império Otomano e onde viviam 500 mil árabes. A ocupação culminou na declaração de independência em 1948 e na criação do Estado de Israel. Para os palestinos, o sucesso do sionismo significou a frustração de suas aspirações nacionais e a vida sob ocupação em uma terra que eles também consideram sagrada” (G1..., 2014).

Costuma-se culpar a ciência secular e a filosofia anti-religiosa pelo eclipse da religião na sociedade moderna. Seria mais honesto culpar a religião por suas próprias derrotas. Ela decaiu não porque foi contestada, mas porque se tornou irrelevante, enfadonha, opressiva e insípida. Quando a fé é completamente substituída pelo credo, o culto pela disciplina, o amor pelo hábito; quando a crise de hoje é ignorada pelo esplendor do passado; quando a fé se torna um mero objeto herdado em vez de uma fonte de vida, quando a religião fala somente em nome da autoridade em vez da compaixão, sua mensagem se torna sem sentido (2006, p. 1).

A concepção da conversão na história de Israel envolve algumas ressalvas importantes. Primeiro, no período pós-exílio os judeus não compartilhavam da mesma atitude de outras religiões proselitistas. Os sábios judeus entendiam que tal processo de conversão não dependia de uma simples declaração de fé, mas da aceitação convicta dos mandamentos e do compromisso assumido por meio da observação e da prática das leis. Para se converter ao judaísmo é preciso realmente desejar uma nova forma de viver a vida e isso leva um bom tempo. É preciso estudar a religião e ter certeza do que quer.

Por isso, as pessoas que desejam se converter ao judaísmo devem aderir aos princípios e tradições judaicas. Bonder (2001, p. 17), faz o seguinte alerta:

Para os que acham que ao filiar-se a uma sinagoga ortodoxa passam automaticamente a entrar nessa nova taxa de baixo risco. Não! O que as tabelas demonstram é que aqueles que se segregam têm mais chance de permanecer distinguidos e diferentes.

Os homens, ao aderirem aos princípios e às tradições judaicas, visando à conversão, “têm que passar pelo ritual de *brit milá* (circuncisão). Qualquer converso tem que passar pelo ritual da *mikvá* ou banho ritual” (MOURA, 2010, p. 31), Porém, “os judeus ortodoxos reconhecem apenas conversões feitas por seus tribunais rabínicos, seja em Israel ou em outros locais” (2010, p. 31). Mas o grande problema da aceitação dos novos convertidos reside entre os judeus ortodoxos e os reformistas:

Enquanto as conversões realizadas pelos tribunais rabínicos ortodoxos são aceitas como válidas por quase todas as correntes do judaísmo, aquelas feitas de acordo com as correntes reformistas ou conservadora são aceitas pelo Estado de Israel e nas comunidades judaicas não ortodoxas no mundo inteiro – mais de 80% da população dos judeus do planeta, são rejeitadas pelo movimento ortodoxo [...] há variações de locais e costumes, mas geralmente as comunidades contam com um sistema de regras comunais e religiosas, um conselho para julgamento e um centro comunal com local para estudo. No entanto, a família é considerada o principal elemento na vida comunitária judaica, o que ao lado do mandamento de “*Crescei e multiplicai*” leva ao desestímulo de práticas ascéticas como o celibato apesar da existência através da história de algumas seitas judaicas que promovessem essa renúncia (2010, p. 32).

De fato, para a comunidade judaica em especial, a família é um elemento fundamental para a transmissão de regras e condutas, tanto religiosas como sociais. Assim, é por ela que os ensinamentos extraídos da Torá (cinco primeiros livros conhecidos como *Pentateuco*), *Tanach* (conjunto de livros sagrados que reúne a *Torá*), *Neviim* (profetas), *Ketuvim* (escritos compostos por onze livros considerados poéticos e históricos, conhecidos como Antigo Testamento pelos cristãos), *Talmud e Brit Chadashah* (aceito só pelos judeus messiânicos, pois os ortodoxos não o aceitam como referência religiosa, tendo em vista sua não aceitação de Jesus como Messias)⁹ são propostos aos indivíduos pertencentes a esta etnia, conforme nos apresenta Kliksberg (2008, apud SILVA JÚNIOR, 2011, p. 22) ao relatar que:

O judaísmo tem ideias estruturadas a este respeito desde suas origens, e sua consagração da família como entidade pilar da vida judaica é uma das características centrais da identidade judaica. *Honrarás teu pai e tua mãe* já prescreviam os dez mandamentos. No texto bíblico há uma alerta drástica: *amaldiçoado seja aquele que ultraja seu pai e sua mãe* (Dt 27: 16). As normas básicas não deixam lugar a dúvidas nem a ambiguidades. Honrar os pais, aspecto básico da relação familiar, é um dever inevitável. As relações entre o marido e mulher, pais e filhos, irmãos entre si e parentes

⁹ De acordo com Bonder, em sua obra *A alma imortal*, “para a tradição judaica, o Messias ainda não chegou. Ele não virá para sancionar um “correto” definitivo, mas a paz profunda de se viver tanto a tradição como a sua traição. Esse estágio da humanidade ainda não foi alcançado. Continuamos a preambular pela história, aterrorizados por nossa capacidade e atributo de trair” (1998, p. 124).

imediatos são cuidadosamente definidas, buscando assegurar a harmonia do núcleo familiar.

Nesse aspecto, o conhecimento da religião e dos ensinamentos bíblicos são fundamentais, pois a Bíblia funciona como uma “bússola” para os judeus, uma vez que sua maneira de pensar, agir e relacionar-se com os outros provém de determinações fundamentais presentes na Sagrada Escritura. Por isso, segundo Bonder e Sorj (2001, p. 13-14)

pensar o judaísmo no século XXI não podemos passar ao largo da noção de família. Isso porque a melhor maneira de definir o judaísmo é uma família [...] a descrição bíblica de ser judeu é estar em família, lidar com suas tensões, promover a continuidade e gerar filho(a).

Entretanto, perante as grandes transformações que a noção de família tem sofrido, principalmente nos últimos tempos, não é uma surpresa que a família judaica, assim como outras famílias, esteja também ameaçada. Nada é como era antes. Embora ela seja uma das instituições mais antigas, pouco importa as modificações pela quais ela tenha passado em termos de modelo. Ela nunca deixou de exercer uma função central na construção da vida em sociedade. Sempre foi meio de introdução do passado no presente, mas, atualmente essa função milenar sofre fortes abalos em sua constituição e em suas funções.

A emancipação da mulher judia, as conquistas no mercado de trabalho, a luta pelo reconhecimento e a valorização de suas competências e habilidades profissionais ao lado dos homens, como também os núcleos familiares cada vez menores, são fatores que estão influenciando e redimensionando as relações no seio das famílias e, de certa forma, no processo de conversão. Os dramas ao redor da família judaica tocam em temas correlacionados a ela: papéis masculinos e femininos, emancipação feminina, velocidade da vida contemporânea, pressões profissionais. Enfim, a crise na família no século XXI, é um dos marcos dos impasses e desafios do mundo contemporâneo.

A questão das conversões é muito polêmica entre os diversos movimentos judaicos, fruto da desconfiança quanto à sinceridade dos recém-convertidos, que se baseia no temor da corrosão pela crescente assimilação ou na utilização do judaísmo para fins pessoais. Além desses dois fatos polêmicos, existe outro ainda elemento de caráter bastante subjetivo, que repousa sobre a ideia de que ser judeu é uma condição transmissível apenas pelo sangue. Ao levantar a seguinte questão “Quem é judeu, biblicamente falando?”, Bonder e Sorj (2001, p. 15) respondem: “todo aquele que tem um neto judeu. Na verdade quem dá identidade judaica é o neto a seus avós. Daí a angustia associada ao desejo de que o judaísmo não acabe”. Por isso, o maior desafio que os judeus enfrentam atualmente é como a identidade judaica pode ser mantida em uma sociedade aberta e secular. O maior perigo é a falha em reconhecer que os tempos mudaram e que, em consequência, as prioridades também precisam mudar. Porém,

o processo de dificultar as conversões, assumindo aspetos cada vez mais rígidos é bastante moderno. No século XVII, os conselhos judaicos da Lituânia e da Morávia impuseram severas penalidades para o ato de proselitismo e para guarida oferecida a conversos. A razão para tal deriva de fatores externos e internos (2001, p. 70).

A ameaça trazida pela emancipação, pela assimilação e pela miscigenação acabaram por produzir exigências cada vez mais estritas no que se diz respeito à conversão. Embora esses fatores tenham gerado conflitos entre os ortodoxos e os reformistas, a maioria dos judeus aceita a modernidade. Assim, “o judaísmo moderno corresponde aos diversos esforços de traduzir a tradição rabínica em conceitos e valores da modernidade” (2001 p. 115). Ao falar de conversão, o significado étnico-geográfico torna-se inteiramente ausente e apenas o significado religioso fica compreendido. Um gentio pode vir a ser um judeu. Um gentio pode ser, com efeito, mais “judeu”, quer dizer fiel à Lei, do que seu oponente judeu.

Na verdade, nenhuma outra tradição é tão marcada pela ideia de conversão como a judaica. Seu fundador foi um profeta, um

visionário que recebe importantes revelações, mas alguém que se associa a outro pacto diferente daquele de seus pais e de sua origem. Abraão é um personagem distinto de Moisés, de Buda, de Jesus ou mesmo de Maomé. Abraão é um converso que gradativamente converte sua mulher e as mulheres de seus filhos e de seus netos (2001, p. 69).

Porém, um dos problemas enfrentados é “a possível falta de fidelidade do converso, sua capacidade de inocular o judaísmo de percepções errôneas, ou seu potencial de diluir algo que é puro” (2001 p. 67). Essa desconfiança “revela a fragilidade da identidade judaica moderna. É insuportável para a grande massa de judeus não praticantes e absorvidos pela cidadania e pela globalização perceber que há pouca diferença entre eles e os não judeus” (p.68). Talvez essa diferença não seja tão visível pelo menos no seio dos judeus ortodoxos e os assimilados. Os ortodoxos assumem ser diferentes em sua missão tendo que adotar posturas radicais (a vestimenta, a aparência, as práticas que visam defender os judeus) que os distingue dos demais e os assimilados que teoricamente assumem ser “um igual”, não se importando com questões ligadas a conversão. Contudo, os assimilados ao assumirem “ares de resolvidos descobrem na segunda geração que seus descendentes tornaram-se confusos, não identificando em sua postura uma opção comunitária, mas uma desistência” (2001, p. 68).

Para que haja realmente conversão, o candidato deve estar consciente e firme no seu compromisso em cumprir as leis judaicas, pois no judaísmo o que mais importa são as ações e não as intenções. Qualquer pessoa pode ser considerada judia em todos os aspectos, igual a qualquer outro judeu de nascença e até mais, já que um verdadeiro convertido é considerado um filho de Deus. A Torá ordena aos judeus a tratarem os convertidos com amor, sem reprimi-los ou enganá-los. Entretanto, alguém que faz uma conversão fictícia, por mais bem intencionada que seja não pode ser considerado judeu ou judia. A conversão real ocorre quando há uma verdadeira mudança nos hábitos da pessoa.

Dessa forma, estamos em condições de responder a nossa pergunta inicial, considerando que todos os autores que tivemos acesso afirmam que qualquer pessoa pode se converter ao judaísmo, embora não seja algo fácil ou

realizável da noite para o dia, mas, seguramente, ser judeu não é uma condição unicamente transmitida unicamente pelo sangue. A religião judaica, tal como as outras, é uma religião de convertidos, embora condene o proselitismo como forma de atrair fiéis. A conversão tem que ser de forma natural e espontânea, sendo as únicas exigências ao converso a fidelidade e a observação rigorosa das leis judaicas e o rigoroso seguimento da Torá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de tudo o que foi dito sobre o judaísmo e, especificamente, sobre o processo de conversão, fica-se com a sensação de que a conversão ao judaísmo não é um processo simples nem fácil, já que requer um conhecimento profundo das leis judaicas e o rigoroso cumprimento destas. Essa dificuldade fica expressa através das palavras de Yitzchak Schochet, ao afirmar que o processo de conversão é a maior e a única questão que rasga o tecido da sociedade judaica, pois, é fato que, a aceitação de novos membros não pode ser feita apenas por palavras 'da boca para fora'. Por isso, exige-se compromisso, estudo e aperfeiçoamento do caráter.

Acredita-se que, se os judeus persistirem em dificultar as conversões, a tendência atual é que o judaísmo passa a ter cada vez menos seguidores, e, com o passar dos anos pode levar a um cenário de autodestruição, pois, nenhuma religião sobrevive sem fiéis. Portanto, é preciso ter em mente que o judaísmo sofreu várias mudanças ao longo dos séculos. Em verdade, ele só sobreviveu por ter adaptado às sucessivas mudanças e transformações históricas da humanidade. Então, superar as dificuldades relativamente aos processos de conversão será mais um desafio a vencer.

No processo de conversão, o conhecimento da Torá e das leis judaicas é fundamental, mas ela não termina por aí. É preciso aplicá-la na prática e estar disposto a se submeter sem reservas às leis da comunidade judaica expressas na Torá, revelada por Deus a Moisés no Monte Sinai. O candidato à conversão deverá seguir um programa e aprender tudo sobre o judaísmo e os judeus e, paulatinamente, começar a implementar na prática os aspectos da lei

judaica que ele aprendeu nas áreas de *Shabat* e *Yom Tov*, Oração e Bênçãos e *Kashrut*.

Depois de viver na comunidade por pelo menos um ano e dependendo do nível de aprendizado dos candidatos, se o tribunal rabínico sentir que o candidato à conversão está pronto, o tribunal o converterá. Mas, se perceber que o candidato não esteja pronto, então, demorará mais algum tempo. Enquanto o candidato está no processo de conversão, uma das coisas mais importantes é certificar-se de que o tribunal rabínico é reconhecido em todo o mundo.

Ao longo do último meio século, o mundo judaico mergulhou numa controvérsia sobre a definição do que essa obrigação, ou seja, a conversão implica, para o judaísmo. Pois, ela visa identificar quem são os membros legítimos da fé judaica. Isso pode levar a um cisma interno, o que pode ser considerado uma ‘tragédia’, já que afetaria a totalidade do povo judeu. De acordo com o rabino Nilton Bonder e o sociólogo Bernardo Sorj (2001, p. 67), “para muitos judeus persiste um problema no que diz respeito à evolução da ideia de que ‘ser judeu’ é uma condição transmissível apenas pelo sangue”. Mas, segundo eles, “esse *pedigree* espiritual consiste numa forma de racismo que se expressa pela crença não de um corpo diferenciado, mas de uma alma diferenciada” (BONDER; SORJ, 2001, p. 38). Essa forma de teologia “ocupa o imaginário como sendo ‘impossível’ para um não judeu entender o drama, a tragédia, a saga e a epopeia do judaísmo” (p. 38).

Baseado nisso, pode-se acreditar que, a pergunta inicial, “Ser judeu: uma herança genética transmitida unicamente pelo sangue?”, foi dissipada, considerando que não existe indício de que essa possibilidade seja verdadeira e, segundo Bonder e Sorj (2001), nenhuma outra tradição é tão marcada pela ideia de conversão como a judaica. Seu fundador foi um profeta, um visionário que recebeu importantes revelações que posteriormente usou como ferramenta pedagógica para levar os homens à conversão, pois, ele mesmo é um converso que gradativamente converte sua mulher e as mulheres de seus filhos e de seus netos.

Assim, pode-se concluir que, a secularização e a emancipação social e legal são as principais características da modernidade para os judeus. Muitas leis contra a não aceitação de convertidos foram revogadas, entretanto, o fim da perseguição não erradicou o ódio gentio aos judeus. A modernidade postulou a discriminação e o racismo como crimes, mas não tem podido fazer desaparecer o preconceito racial e religioso. Hoje, graças, à conquista dos direitos humanos, que se baseiam principalmente em três princípios, a saber: o da inviolabilidade, da autonomia e da dignidade da pessoa, todos têm direito de praticar sua religião, gozando de proteção legal que coíbe qualquer tipo de perseguição ou discriminação, seja ela de onde for, ou venha ela de onde vier. Ninguém tem direito de perseguir, maltratar ou proibir o acesso à prática de nenhuma religião, muito menos condicionar qualquer cidadão à conversão ou não a determinadas religiões. O judaísmo, como qualquer outra religião, pode dificultar, mas não pode proibir a conversão de novos membros ao judaísmo.

REFERÊNCIAS

- BERGÓGLIO, Jorge; SKORKA, Abraham. *Sobre o céu e a terra: o que pensa o novo papa Francisco sobre a família, a fé e o papel da Igreja no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2016.
- BONDER, Nilton. *A alma imortal: traição e tradição através dos tempos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- BONDER, Nilton; SORJ, Bernardo. *Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FILORANO, Giovanni. *Monoteísmos: as religiões de salvação*. Tradução de Camila Kintzel; organização de edição brasileira Adone Agnolin. - 1ª ed.- São Paulo: hedra, 2005.
- G1. G1 explica: o que são sionismo, judaísmo e antissemitismo? *Globo Notícias*, São Paulo, 31 jul. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/WCmn3u>>. Acesso em: 9 nov. 2017.
- HESCHEL, Abraham Joshua. *Deus em busca do homem*. Tradução de Tuca Magalhães. São Paulo: ARX, 2006.
- KOUZMIN-KOROVAEFF, Constantino (Trad.). *Quero saber: história de religião e fé*. São Paulo: Escala, 2009.
- KÜNG, Hans. *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Campinas: Verus, 2004.

LAMBERT, Yves. *O nascimento das religiões: da pré-história às religiões universalistas*. Traduzido por Mariana Paolozzi Sérvulo Cunha. São Paulo: Loyola, 2007.

LIBÂNEO, João Batista. *Fé*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MOURA, Gilson. *Religiões no Brasil*. 1ª ed. Joinville: Clube de Autores, 2010.

PONDÉ, Luiz Felipe. *Contra um mundo melhor: ensaios do afeto*. São Paulo: Leya, 2010.

SCARDELAI, Donizete. *Da religião bíblica ao judaísmo rabínico*. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Biblioteca de Estudos Bíblicos). Edição eletrônica.

SILVA JÚNIOR, J. R. *Educação talmúdica: a influência da família na constituição de uma sociedade equilibrada*. [S.l.]: Imperatriz, 2011.

SORJ, Bernardo. *Judaísmo pós-moderno e diáspora*. In: BONDER, N., and SORJ, B. *Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010, pp. 70-89.

SORJ, Bernardo. *Judaísmo para todos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SZPILMAN, Marcelo. *Judeus: suas extraordinárias histórias e contribuições para o progresso da humanidade: conheça as relações entre a história dos judeus e a história da humanidade e entenda as questões ligadas ao Médio Oriente, suas origens e seus atores*. Rio de Janeiro: Mauhad, 2012.

TOROPOV, Brandon. *O guia completo das religiões do mundo*. Tradução de Marta Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2006.